

Vila Bela, o Último Quilombo

MÁRIO CHIMANOVITCH

Registram as crônicas da época, às vezes com precisão duvidosa, que a Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada em 1752 pelo Capitão-General D. Antonio Rolim de Moura Tavares, primeiro Governador-Geral de Mato Grosso, tão logo esse Estado, em 1748, desligou-se de São Paulo.

O arraial, erigido com a finalidade de se constituir no principal centro de irradiação às minas de ouro existentes na Chapada de São Francisco Xavier do Mato Grosso, veio a ser a primeira capital do Estado. Com a proclamação da Independência e a retirada das tropas portuguesas, tudo foi abandonado à febre e aos índios que dominaram até a completa paralisção das prósperas minas, dando início a um ciclo de virtual decadência que nem as modernas companhias de mineração, vez por outra operando na região, conseguiram interromper.

Na cidade permaneceram apenas os negros, fundando uma espécie de república-livre, longe dos senhores de escravos e mantendo os seus próprios cultos já fortemente influenciados pela religião católica.

Atualmente, Vila Bela, às margens do rio Guaporé, no vale do mesmo nome, apesar da infertilidade da terra, é um lugar de rara beleza. E ao exotismo da própria natureza misturam-se as marcas da época áurea da cidade que o tempo vai inexoravelmente devorando, sem que ninguém se dê conta do inestimável valor histórico que aquelas ruínas podem representar.

Há, com certeza, um profundo desânimo em toda gente. É como se o banzo permanecesse tomando conta até mesmo das coisas inanimadas. Há, tão-somente, fome e febre, não a do ouro, mas uma outra que vai matando gente e animais.

Ciclo vicioso

As ruas são estreitas e empoeiradas, vez por outra calçadas com a pedra de ganga usada desde os portugueses, também para erigir templos e habitações. Nesta cidade, que o povo ainda não se acostumou a chamar pelo novo nome — Mato Grosso — não se conhecem nem médicos nem hospitais e tampouco estabelecimentos bancários.

De arquiteturas ou engenheiros, ninguém também ouviu falar. Assim, curiosamente, as novas casas, com exceção da Prefeitura, são construídas no modelo exato das antigas: janelões assobradados e portões divididos ao meio, no mais puro estilo colonial, dando a impressão de ter a própria História se exaurido e estar caindo numa notável repetição.

Os habitantes de Vila Bela não têm preconceitos raciais e a população negra, que faz a maioria, não hesita em casar seus filhos com os poucos brancos que ali convivem pacificamente, no cotidiano de ócio, febre, sonho e fome.

As pessoas são arredias e desconfiadas. A curiosidade da máquina fotográfica as assusta. Janelões e portas fecham-se apressadamente à passagem do jornalista que, mais espantado do que atrevido, custa a entender o comportamento daquela gente.

Entretanto, para fazer as honras da cidade, ninguém é melhor

do que o prefeito. Constâncio Leite de Moraes, 41 anos, prefeito há dois, eleito pela Arena — “Aqui ninguém tem nada a opor a ninguém” — acha que Vila Bela, esquecida pelas sucessivas administrações do Estado, “poderá se recuperar à custa do ouro que os portugueses não conseguiram extinguir nos chapadões”.

— Faltam-nos meios para iniciarmos as explorações. O ouro está lá — diz sonhador o prefeito, que é negro e descendente direto de quilombolas.

O prefeito revela que o Município é muito pobre, “mas sabe cultivar as suas tradições”.

— Quando os portugueses se foram, os negros permaneceram aqui, enfrentando as febres e os índios. Nós fomos os únicos vencedores e, talvez por sermos negros e vencedores, estamos esquecidos até hoje.

Constâncio explica que não consegue arrecadar muito dinheiro mensalmente, “pois aqui ninguém paga os impostos” e lamenta que o isolamento do Município é o maior problema, “mais crucial ainda do que o não recolhimento dos tributos”:

— Uma linha aérea comercial mantinha vôos semanais para cá, levando correspondência, trazendo mercadorias e conduzindo passageiros. Há mais de um ano suspenderam a linha e nossa estrada é uma barbaridade de ruim, ficando praticamente intransitável durante quase todo o

ano. Há épocas em que temos sérios problemas de abastecimento de gêneros de primeira necessidade. Ai temos que apelar para o anzol e comer peixe. Acho que nos ajudariam muito melhorando, ao menos, a estrada.

As sombras

Hoje, nada mais que ruínas é o que resta do esplendor de Vila Bela. O palácio dos Capitães-Generais, bem como a igreja da Santíssima Trindade, toda forrada a ouro, contam, e a capela dos capitães, transformaram-se em escombros onde somente o vento repercute durante as tardes quietas.

Ao barroco de hoje, fruto das construções mais recentes, não chegam a fazer contraste, nem mesmo pela decadência, as primeiras casas de Vila Bela. O que se vê é um completo abandono a tudo aquilo que poderia ser mais caro à História da cidade.

De todas as reliquias, restam apenas umas bem poucas e semi-destruídas imagens religiosas, algumas até com mais de 300 anos de existência. Dona de considerável acervo artístico, expressado principalmente pelo barroco de seus santos, Vila Bela teve, de uma hora para outra, quase que dizimado o seu patrimônio. O prefeito é quem conta:

— O povo era bastante ingênuo. Assim, vinham aqui antiquários e colecionadores do Rio e São Paulo, aplicando o seguinte golpe: traziam imagens novas,

de fabricação recente, até mesmo de plástico e se propunham, como "bons cristãos", a substituir as velhas, "gastas e estragadas", segundo eles. O povo iludido na sua boa-fé, aceita de bom grado, desfazendo-se inclusive de suas jóias, herdadas de pais e avós que foram escravos, por verdadeira ninharia.

Hoje, para se ver e fotografar o pouco que resta, é necessário ser submetido à vigilância de um corpo especial de beatas que somente após muita insistência resolve abrir a pequena igreja de madeira à curiosidade do forasteiro:

— Já nos enganaram tanto que temos de fazer assim — explica Dona Maria Filó, uma das guardiãs do tesouro, ao mesmo tempo em que pede *desculpas*.

E na igreja, alguns São Benedito, Miguel, Jorge e Sebastião, ainda que necessitando de restauração, deixam entrever o que não deve ter sido furtado a um povo ingênuo e bom, "muito devotado"

Reminiscências

Enquanto um bando de garotos de pele luzidia marcha nas ruas ao som de uma fanfarra, ensaiando para as comemorações do Sesquicentenário, vovô Ricardo Francisco da Silva, 80 anos, sentado à soleira da porta, é, atualmente, o mais antigo morador de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Cabeça já embranquecida e olhar cansado, Vovô Ricardo sonha também, como seus filhos e netos, "com o ouro que jaz escondido no chapadão":

— Isso resolveria — conta num português arrevesado e pleno de termos africanos — todos os nossos problemas e voltaríamos a ser o que éramos, muito ricos.

Ninguém faz caçoadas dos sonhos do velho, pois todos são, invariavelmente, também sonhadores:

— Os portugueses tiraram muito ouro das minas, mas não levaram tudo não. Eu sei. Se tivesse forças estaria lá procurando.

E o velho conta que tão logo Vila Bela deixou de ser a capital de Mato Grosso, um grupo de negros, revoltados com a medida, quis fazer uma *revolução*.

— Chegamos a nos armar e iríamos até Culabá resolver o problema. Aquele canhão português que está lá na praça (um velho e enferrujado canhão, que vigia impotente algumas casas) chegou a ser carregado e fazia parte do *arsenal* de velhos arcabuzes e espadas de ponta quebrada.

Vovô Ricardo revela que a revolução *deu em nada* e todos acabaram se conformando com a nova situação:

— Foi isso mesmo e voltamos à calma de sempre, cuidando de nossas vidas.

Sobre a igreja destruída o velho conta uma estranha história:

— Os padres levaram todo o ouro que havia lá — ouro em pó — dizendo que iam à capital comprar material para reformar a igreja. Nunca mais voltaram. A igreja foi desmoronando e ninguém mais se casou.

Isso explica em parte alguns hábitos da população. Muita gente, quase a maioria, vive maritalmente e as uniões consanguíneas são muito frequentes, gerando, vez por outra, algumas degenerações, como a de Zezé, surdo-mudo e aleijado de nascença.

Antiga capital de Mato Grosso, Vila Bela foi abandonada aos índios e à febre durante anos, até que comerciantes inescrupulosos descobriram suas reliquias e recolheram muitas delas em troca de peças sem valor algum.

(Do "Jornal do Brasil".)

○ homem vale pelo que realiza e não
pelo que representa.